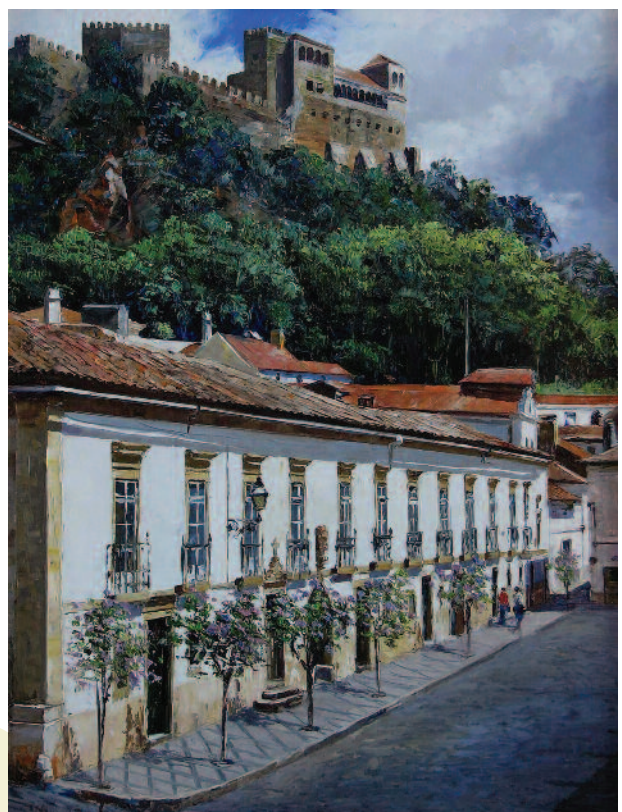


A Casa do Terreiro

História da Família Ataíde em Leiria
Séculos XVII-XVIII

Francisco Queiroz



A Casa do Terreiro

História da Família Ataíde em Leiria

Vol. I
Das Origens ao Século XVII

Vol. II
Séculos XVII-XVIII

Vol. III
Do Século XIX à Actualidade



Sumário do Volume 2

Apresentação	9	2.4.1	A avaliação de desempenho do Guarda-mor dos Pinhais de Leiria e dos demais oficiais do Pinhal Real, em 1760	139
Introdução	11	2.5	O incêndio na Fábrica do Engenho da Madeira	145
1. A família Silva Ataíde da Costa, nos dois primeiros terços do século XVIII, e suas alianças	19	2.6	O fim do ofício de Guarda-mor e a Mercê das Barcas da Chamusca e Escaroupim	147
1.1 Os filhos de Luís da Silva de Ataíde e Costa e de Joana Paula de Melo	19	3. A família Silva Ataíde da Costa na viragem do século XVIII para o século XIX, e suas alianças	151	
1.1.1 Biografia de Francisco da Silva de Ataíde e Costa	19	3.1 Os filhos de Luís da Silva de Ataíde (1713-1773)	151	
1.1.2 Biografia de Miguel Luís da Silva Ataíde e Costa	21	3.2 As partilhas por morte de Luís da Silva de Ataíde	153	
1.2 A ascendência paterna de Luísa Maria Isabel Teles de Menezes	26	3.3 O testamento de Isabel Gutiérrez de Tordoya Maraver y Silva	154	
1.2.1 As origens da Casa de Vila Boa de Quires	28	3.4 Biografia de Miguel Luís da Silva Ataíde (1762-1833)	155	
1.2.2 Mateus Mendes de Carvalho (e Vasconcelos) e sua descendência	32	3.4.1 As Barcas da Chamusca e Escaroupim	155	
1.3 A ascendência materna de Luísa Maria Isabel Teles de Menezes	40	3.4.2 O papel de Miguel Luís da Silva Ataíde no período das Invasões Francesas	160	
1.4 Os últimos Morgados de Balsemão	42	3.5 Os irmãos de Miguel Luís da Silva Ataíde (1762-1833)	165	
1.5 Os irmãos de Luísa Maria Isabel Teles de Menezes	44	3.5.1 José da Silva de Ataíde (1772-1860), Balio de Acre e Fregim	165	
1.5.1 Sebastião José Carneiro de Carvalho e Vasconcelos e a sucessão no Morgado de Vila Boa de Quires	46	3.5.2 Maria Luísa da Silva Gutiérrez de Ataíde	172	
1.5.2 Eugénia Isabel Angélica de Castro e Menezes, mulher de Luís Barba Correia Alardo, e sua descendência	51	3.5.2.1 José Diogo de Mascarenhas Neto, marido de Maria Luísa da Silva Gutiérrez de Ataíde	172	
1.6 Os filhos de Miguel Luís da Silva Ataíde e Costa	62	3.5.2.2 Os filhos de José Diogo de Mascarenhas Neto e de sua mulher, Maria Luísa da Silva Gutiérrez de Ataíde	178	
1.6.1 Biografia de Luís da Silva de Ataíde	66	3.5.3 Luísa Rosa Gutiérrez de Ataíde e sua descendência	188	
1.6.2 O testamento de Luís da Silva de Ataíde, de 1773	67	3.6 Os últimos Sousa Castelo-Branco em Leiria	214	
1.7 A ascendência de Isabel Gutiérrez de Tordoya Maraver y Silva	68	3.6.1 Heitor José de Sousa Castelo-Branco e a sucessão no Morgado do Moinho Novo	217	
1.7.1 A influência dos Gutiérrez em Villafranca de los Barros	73	3.6.2 Descendência de Heitor José de Sousa Castelo-Branco	226	
1.8 A aliança entre os Barbas Alardos e os Gutiérrez	76	4. A ascendência paterna de Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero	230	
1.9 O Morgado de Caldelas	80	4.1 A ascendência paterna de Luís Carneiro de Faria	231	
1.10 A Quinta de S. Pedro do Leite	87	4.1.1 A capela instituída em 1645 por Domingos Fernandes, de Rio de Couros	232	
2. O ofício de Guarda-mor dos Pinhais de Leiria	93	4.1.2 Baltazar Pereira de Barros e sua mulher Margarida de Frias, da Quinta da Sorieira	235	
2.1 Os oficiais do Guarda-mor	96	4.1.3 O Capitão Manuel de Faria Pereira, morador na Quinta da Ponte de Urqueira	237	
2.1.1 O Meirinho Belchior Couceiro e os Couceiros de Leiria	96	4.1.3.1 O testamento do Capitão Manuel de Faria Pereira, de 1681	238	
2.1.2 O Escrivão Simão Álvares da Costa e os relatos sobre o perfil quezilento de Manuel Esteves Serrão	101	4.1.3.2 Os sucessores no vínculo da Ponte de Urqueira	243	
2.2 Os Bravos Botelhos da Ribeira de Litém	104	4.1.3.3 Os bens da Capela da Ponte de Urqueira	250	
2.2.1 Os vínculos administrados pelos Bravos Botelhos da Ribeira de Litém, nos séculos XVII e XVIII	110	4.1.4 A ascendência de Baltazar Pereira de Barros, e a origem da Quinta da Sorieira	252	
2.2.2 Os Bravos Botelhos que estiveram ligados aos pinhais reais	114			
2.3 A Fábrica do Engenho da Madeira	118			
2.4 As queixas contra o Guarda-mor dos Pinhais de Leiria e contra o seu escrivão, Salvador da Costa, em 1754	126			

4.1.5	A ascendência e os irmãos de Margarida de Frias, mulher de Baltazar Pereira de Barros, da Quinta da Sorieira	254	4.10.5	A origem dos apelidos de Sebastiana da Mota Manso	394
4.1.5.1	O Pe. André de Frias, do Pombalinho, Cura de Seíça	256	4.10.5.1	Ascendência paterna de Maria da Mota Manso, mulher de Manuel Godinho Pinto	395
4.1.5.2	Os bens herdados pelo Pe. André de Frias	260	4.10.5.2	Ascendência materna de Maria da Mota Manso, mulher de Manuel Godinho Pinto	398
4.1.5.3	Os bens adquiridos pelo Pe. André de Frias e pelo seu herdeiro e sobrinho, Pe. José Pereira de Frias	265	4.11	Sebastiana da Mota Manso e os seus irmãos	400
4.1.6	O Cónego André de Faria e a Quinta da Sorieira	267	4.11.1	O testamento de Sebastiana da Mota Manso	400
4.1.6.1	O testamento e codicilo do Cónego André de Faria, 1600-1602	267	4.11.2	A morte de Sebastiana da Mota Manso, em 1733	402
4.1.7	A Quinta da Sorieira e a sua capela	273	4.11.3	O testamento de Joana Maria Josefa da Mota Manso, de 1740	403
4.1.8	O inventário dos bens por morte de Manuel Pereira de Barros	282	4.12	Os filhos de Luís Carneiro de Faria e de Sebastiana da Mota Manso	408
4.1.9	A morte de Baltazar Pereira de Barros, da Quinta da Sorieira	284	4.12.1	Esboço biográfico do Capitão-mor Filipe Carneiro de Faria Pereira Manso	412
4.1.10	Os bens da Capela do Pombalinho	287	4.13	As querelas familiares de 1764-1765	417
4.2	A ascendência materna de Luís Carneiro de Faria	291	4.13.1	A questão da tutoria dos órfãos do Capitão-mor Filipe Carneiro de Faria Pereira Manso	417
4.2.1	O testamento de Luís Carneiro de Faria, avô materno de Luís Carneiro de Faria da Quinta da Sorieira	298	4.13.2	A questão do codicilo do Pe. Dr. António Machado de Faria	419
4.2.2	Joana Machado de Faria e o seu irmão, o Capitão-mor António Carneiro de Faria	301	4.13.3	A questão da doação de Joana Francisca ao seu irmão, Filipe Carneiro de Faria Pereira Manso	421
4.2.3	Os irmãos e a ascendência de Catarina Machado Borges, avó materna de Luís Carneiro de Faria	303	4.13.4	Outras questões debatidas em família no ano de 1765	423
4.2.3.1	A Quinta de S. Gens	307	4.13.5	O inventário dos bens de Luís Carneiro de Faria, da Quinta da Sorieira	424
4.3	Francisco de Faria Leitão e a Quinta do Socorro	310	4.13.6	A partilha dos bens que ficaram de Sebastiana da Mota Manso	429
4.4	As quintas próximas da Quinta do Socorro	313	4.14	Os vínculos do capitão-mor Filipe Carneiro de Faria Pereira Manso	445
4.5	O Capitão António de Faria Leitão e a sua ascendência	319	4.14.1	O vínculo de Sebastiana da Mota Manso	445
4.5.1	Baltazar de Faria Leitão e sua mulher Francisca Henriques	320	4.14.2	O vínculo de João Gomes	449
4.6	As capelas dos Henriques	326	4.14.3	O vínculo do Dr. Sebastião Luís Serrão	452
4.6.1	O testamento de Isabel Henriques, de 1656	329	4.14.4	Os bens da capela do Reverendo Dr. António Machado de Faria, da Quinta da Sorieira	459
4.6.2	O testamento de Manuel Henriques, de 1668	333	4.14.5	Outros vínculos administrados pelo Capitão-mor Filipe Carneiro de Faria Pereira Manso	462
4.6.3	A querela sobre as casas associadas ao vínculo de Isabel Henriques (1666-1667)	337	4.15	A fazenda da Malavada	463
4.7	Biografia de Luís Carneiro de Faria, da Quinta da Sorieira	344	4.15.1	A querela sobre a posse da Malavada (1754-1762)	465
4.8	O Capitão-mor António Carneiro de Faria, da Quinta da Parreira, tio materno de Luís Carneiro de Faria, da Quinta da Sorieira	350	4.15.2	A composição amigável de 1773 sobre a Malavada	468
4.8.1	A Quinta da Parreira	355	4.15.2.1	A família Mota Ferraz	471
4.9	A ascendência paterna de Sebastiana da Mota Manso	370	4.15.3	A venda das outras terças partes de metade da Malavada (1775)	472
4.9.1	Os Serrões do Nespéral	371	4.15.4	O Capitão José Carneiro de Faria Pereira, da Quinta do Socorro	474
4.9.2	A ascendência de Brás Nunes Caldeira	375	4.15.4.1	Notas sobre a descendência do Capitão José Carneiro de Faria Pereira	481
4.9.3	O Licenciado Brás Luís Serrão e o seu irmão, Licenciado Sebastião Luís Serrão	377	4.15.5	O Capitão José Carneiro de Faria Pereira e a Fazenda da Malavada	485
4.10	A ascendência materna de Sebastiana da Mota Manso	379	4.16	A fazenda de Martim Vilão	486
4.10.1	A ascendência paterna de Manuel Godinho Pinto, avô materno de Sebastiana da Mota Manso	380	4.17	O Pe. Manuel João e a Quinta da Parreira	493
4.10.2	A ascendência materna de Manuel Godinho Pinto, avô materno de Sebastiana da Mota Manso	384			
4.10.2.1	Maria Pinto e a sua ascendência	384			
4.10.2.2	Gaspar da Mata Leitão e a sua ascendência	386			
4.10.3	A ascendência de Maria Arnaut	387			
4.10.3.1	A ascendência de Catarina Barata	389			
4.10.4	A ascendência de Maria Lucas de Queiroz	393			

5.	A ascendência materna de Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero	497
5.1	Os três maridos de Ana Luísa da Cunha Osório de Alarcão Portocarrero	497
5.2	A ascendência paterna de Ana Luísa da Cunha Osório de Alarcão Portocarrero	502
5.3	A ascendência materna de Ana Luísa da Cunha Osório de Alarcão Portocarrero e seus irmãos	506
6.	Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero e os seus bens	511
6.1	As partilhas de 1785 e o casamento de Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero	511
6.2	Os vínculos de Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero	514
6.3	A troca dos bens vinculados na Sertã pelas fazendas de Martim Vilão e da Malavada	516
6.4	A abolição da Capela de Catarina Henriques e de um dos vínculos de Joana Maria Josefa da Mota Manso, em 1797-1798	518
6.5	O Dr. Simão José de Faria Pereira, da Quinta do Caneiro ...	519
6.5.1	A tutoria de Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero ..	523
7.	A "Relação das fazendas pertencentes à Quinta da Sorieira" .	525
7.1	Bens imóveis na Vintena da Barreira	525
7.1.1	Os moinhos na Vintena da Barreira	528
7.1.2	Bens imóveis na Faletia	530
7.1.3	Bens imóveis no Balancho	533
7.1.4	Bens imóveis no Lugar da Barreira	535
7.1.5	Bens imóveis na Solheira e Sandoeira	437
7.1.6	Bens imóveis no Vale da Cordela e na Sorieira	538
7.1.7	Bens imóveis no Cogominho	541
7.1.8	Bens imóveis em Caxarias	542
7.1.9	Bens imóveis nos Andrés e em Rio de Couros	546
7.2	Bens imóveis na Vintena da Freixianda	547
7.3	Bens imóveis na Vintena de Seiça	547
7.4	Bens imóveis na Vintena de Vale Travesso	561
7.5	Bens imóveis nas vintenas do Olival e da Sabacheira	562
7.6	As casas da Aldeia da Cruz	566

Introdução

Passaram-se cerca de cinco anos desde o lançamento do primeiro volume desta obra. Embora a elaboração do segundo e do terceiro volume estivesse, já na altura, algo adiantada, uma inusitada conjugação de factores, de carácter profissional e pessoal, levaram a que o lançamento do segundo volume demorasse muito mais do que seria expectável e desejável. Impõe-se, pois, uma justificação, ainda que sumária.

Assim, em termos profissionais, a finalização do primeiro volume desta obra praticamente coincidiu com o início de um contrato de investigação para trabalhos de pós-doutoramento no CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (Universidade do Porto). Esse contrato, com a duração de cinco anos, foi firmado em exclusividade e previa também o apoio a actividades científicas do CEPESE, retirando quase todo o tempo disponível para concluirmos a obra sobre a Casa do Terreiro de Leiria.

Em termos pessoais, os anos que se seguiram à finalização do primeiro volume desta obra foram particularmente difíceis. Além disso, sucessivas mudanças de residência diminuíram ainda mais o pouco tempo disponível para nos dedicarmos à obra sobre a Casa do Terreiro de Leiria.

Tínhamos consciência de começar a ser manifestamente excessivo o atraso na conclusão do presente volume, atendendo ao facto da documentação familiar da Casa do Terreiro de Leiria ter sido entretanto cedida, em depósito, ao Arquivo Distrital de Leiria, por sugestão nossa. Era também fundamental fazer coincidir o lançamento deste volume com a comemoração do centenário da Fundação Caixa Agrícola de Leiria. Por conseguinte, tivemos de sacrificar o grau de rigor e detalhe em alguns capítulos, especialmente no que diz respeito às ascendências de Ourém, visto a documentação do arquivo familiar conter muitas lacunas, e a bibliografia existente ser escassa e com dados contraditórios. Não houve tempo para ir à procura de confirmações sobre dados genealógicos, nem para conhecer melhor o terreno, de modo a esclarecer dúvidas sobre microtoponímia. Ao contrário do que havíamos previsto, nada foi

consultado nos arquivos municipais de Ourém, Sertã, Batalha, ou Porto de Mós. Por falta de tempo, não analisámos sequer os livros da Décima de finais do século XVIII referentes ao concelho de Ourém. Com tudo isto, não elaborámos os previstos mapas detalhados referentes à distribuição das propriedades da família em Ourém e às quintas - quer as da família, quer as que tinham ligações à da família.

O grande atraso na conclusão deste volume levou a que algumas transcrições de documentos tenham sido realizadas pelos colaboradores mencionados na ficha técnica. É, pois, possível que as opções seguidas para a actualização ortográfica parcial não contenham um critério uniforme ao longo deste volume. Não cremos que isto prejudique grandemente o interesse e fiabilidade dos conteúdos. De qualquer modo, aos interessados nos detalhes da microtoponímia ou dos nomes dos confrontantes, é aconselhável compulsar os documentos originais, já disponíveis para consulta no Arquivo Distrital de Leiria.

Metodologia de apresentação

Neste segundo volume, começamos com um capítulo sobre a família Silva Ataíde da Costa e as suas alianças por casamento, nos dois primeiros terços do século XVIII. Este capítulo 1 divide-se em dois grandes blocos, correspondendo a duas gerações. Cada bloco reparte-se em vários subcapítulos.

No primeiro subcapítulo do capítulo 1, na medida do possível, biografamos os dois filhos de Luís da Silva de Ataíde e Costa e de Joana Paula de Melo que não morreram na infância: Francisco da Silva de Ataíde e Costa e Miguel Luís da Silva Ataíde e Costa. A biografia de Francisco da Silva de Ataíde e Costa é curta, pois ele morreu jovem, quando prestava serviço militar. A biografia de Miguel Luís da Silva Ataíde e Costa acaba por ser também algo reduzida, por dois grandes motivos: por um lado, os seus dados biográficos foram repartidos por mais dois capítulos, em especial por aquele que se refere à gestão dos pinhais de Leiria; por outro lado, para o século XVIII, o arquivo familiar

não é tão rico em documentação pessoal, como é para os séculos XVI e XVII.

No segundo subcapítulo do capítulo 1, desfiámos a ascendência paterna de Luísa Maria Isabel Teles de Menezes (mulher de Miguel Luís da Silva Ataíde e Costa), ou seja, a família Carneiro Rangel / Carvalho Vasconcelos. A abordagem é resumida, por se afastar do tema principal da obra. Ainda assim, incide nos aspectos mais interessantes da história desta família de Vila Boa de Quires, e naquelas ligações de parentesco que dizem respeito a outras famílias de Leiria. É possível que não tenhamos consultado toda a bibliografia pertinente sobre a ascendência de Luísa Maria Isabel Teles de Menezes. Por outro lado, apesar de ter sido uma das mais importantes famílias fidalgas da região de Canaveses (com ligação ao Porto), ainda falta sistematização sobre a história dos Carneiro Rangel / Carvalho Vasconcelos de Vila Boa de Quires, havendo, contudo, suficiente documentação inédita para que essa sistematização possa, um dia, vir a ser feita. Tivemos oportunidade de constatar isso mesmo, quando, estando já iniciada a paginação deste volume, examinámos brevemente o arquivo da Casa de Vila Boa de Quires (graças à disponibilidade de Luís Lencastre, a quem agradecemos). Por conseguinte, e porque o arquivo familiar da Casa do Terreiro de Leiria não foi a fonte preferencial para este subcapítulo, supomos que existam várias imprecisões, as quais seguramente poderão ser corrigidas no futuro.

O terceiro subcapítulo do capítulo 1 incide na ascendência materna de Luísa Maria Isabel Teles de Menezes, ou seja, nos Morgados de Balsemão. A abordagem poderia ter sido mais fundamentada, se tivéssemos procurado cruzar informação entre obras de genealogia mais antigas, com outras mais recentes e baseadas em fontes primárias. Porém, a família em causa não teve interesses claros em Leiria, pelo que o tema não foi, nem podia ser, considerado prioritário. Por conseguinte, sobre a ascendência materna de Luísa Maria Isabel Teles de Menezes nos Morgados de Balsemão, o que neste volume referimos quase nada adianta em termos de conhecimento sobre essa que foi uma das mais importantes famílias fidalgas em Portugal, no Antigo Regime. Relativamente a alguns dados, é até possível que tenhamos incorrido em erro, por não termos analisado toda a bibliografia disponível.

O quarto subcapítulo também enferma das mesmas fragilidades, sendo ainda mais resumido: trata-se de um subcapítulo que diz igualmente respeito aos Morgados de Balsemão, embora incidindo na descendência, a partir da geração de Luísa Maria Isabel Teles de Menezes e até ao início do século XIX. Optámos por mencionar a descendência da Casa de Balsemão, uma vez que esta família volta a ligar-se à elite social de Leiria, por duas vezes, através de casamentos com membros da família Barba Alardo.

No quinto subcapítulo do capítulo 1, elaborámos um esboço biográfico sobre os irmãos de Luísa Maria Isabel Teles de Menezes, especialmente aquele que administrou o vínculo de Vila Boa de Quires, e também aquela que viria a casar com Luís Barba Correia Alardo: Eugénia Isabel Angélica de Castro e Menezes. Este subcapítulo desdobra-se, depois, numa análise à descendência de Luís Barba Correia Alardo e de Eugénia Isabel Angélica de Castro e Menezes, uma vez que foram senhores da Quinta do Amparo, em Leiria. O subcapítulo termina em Rodrigo Barba Alardo de Lencastre e Barros, o 1.º Visconde do Amparo, referindo também a própria história da quinta, até sair da posse desta família. Trata-se de um subcapítulo não muito aprofundado, por se tratar de um tema lateral. É possível que haja diversas falhas e imprecisões, pois baseou-se muito pouco na documentação familiar.

O segundo bloco do capítulo 1 diz respeito à geração dos filhos de Miguel Luís da Silva Ataíde e Costa. Divide-se em vários subcapítulos.

Assim, no sexto subcapítulo do capítulo 1, é esboçada a biografia de cada um dos filhos de Miguel Luís da Silva Ataíde e Costa, com maior incidência no filho herdeiro, Luís da Silva de Ataíde, cujo testamento é analisado. Apesar de vários contributos inéditos, baseados sobretudo no Arquivo da Casa do Terreiro, não foi possível aprofundar a questão, excepto no aspecto da gestão do património fundiário, que optámos por abordar à parte e mais à frente.

No sétimo subcapítulo do capítulo 1, apresentamos a ascendência de Isabel Gutiérrez de Tordoya Maraver y Silva. Este subcapítulo é baseado sobretudo no confronto entre três tipos de fontes: os nobiliários, as certidões incluídas em processos de habilitação, e a bibliografia sobre Villafranca de los Barros, de onde Isabel Gutiérrez de Tordoya Maraver y Silva era natural. Não se trata de um subcapítulo com muitos dados inéditos, embora tenhamos ido bastante para além dos resumos que já existem em vários nobiliários. Em concreto, procurámos até sintetizar a influência da família Gutiérrez em Villafranca de los Barros.

No oitavo subcapítulo do capítulo 1, abordamos os irmãos de João Pereira da Silva Barba Alardo, marido de Maria Inácia Gutiérrez de Tordoya Maraver y Silva. Esta abordagem é resumida e baseada sobretudo no confronto entre dados do Arquivo da Casa do Terreiro e de nobiliários.

O mesmo tipo de abordagem é usado no nono subcapítulo do capítulo 1, no qual se explica por que razão João Pereira da Silva Barba Alardo foi administrador do Morgado de Caldeas. Contudo, subsistem ainda algumas dúvidas sobre a história mais remota da quinta que deu nome ao morgado.

Também permanece duvidosa a origem da Quinta de S. Pedro do Leite, abordada no décimo subcapítulo do capítulo 1. Esta quinta – hoje conhecida como Quinta de Baixo, na Gândara dos

Olivais – foi igualmente de João Pereira da Silva Barba Alardo, por herança materna.

O capítulo 2 deste volume é dedicado à gestão dos pinhais reais de Leiria, por parte da família Silva Ataíde da Costa, desde os inícios do século XVII até ao momento em que foi extinto o cargo de Guarda-mor dos Pinhais de Leiria. Trata-se de uma abordagem resumida, pois o tema, por si só, poderia dar a origem a uma obra à parte. Contudo, o arquivo familiar contém pouquíssimas referências aos pinhais e, dadas as circunstâncias, seria fastidioso procurar outros elementos documentais, na Torre do Tombo por exemplo.

Este capítulo 2 subdivide-se em seis subcapítulos:

No primeiro subcapítulo, aborda-se a questão dos diversos oficiais ligados à gestão dos pinhais. Damos especial atenção ao Meirinho Belchior Couceiro e ao Escrivão Simão Álvares da Costa, sobre quem encontramos alguns dados interessantes, em parte baseados no arquivo familiar.

O segundo subcapítulo é dedicado aos Bravos Botelhos da Ribeira de Litém, que tiveram papel preponderante na gestão dos pinhais de Leiria. Embora este subcapítulo mantenha várias dúvidas e questões em aberto, supomos que se trate da primeira tentativa de sistematização da história desta família, com certa influência na região de Leiria, nos séculos XVII e XVIII.

O terceiro subcapítulo diz respeito à Fábrica do Engenho da Madeira, no qual organizamos o conhecimento existente, ampliando-o um pouco, no que diz respeito à família, apesar do arquivo familiar ser quase lacunar relativamente ao dito engenho.

O quarto subcapítulo é uma reflexão sobre o modo como a família Silva Ataíde geria os pinhais reais. Assim, são abordadas várias queixas contra o Guarda-mor dos Pinhais de Leiria e contra o seu escrivão, Salvador da Costa, em 1754, assim como a avaliação de desempenho do Guarda-mor dos Pinhais de Leiria e dos demais oficiais do Pinhal Real, feita em 1760.

O quinto subcapítulo retoma a Fábrica do Engenho da Madeira, abordando o incêndio que levou ao seu desmantelamento.

Finalmente, o sexto subcapítulo do capítulo 2 centra-se no fim do ofício de Guarda-mor dos Pinhais de Leiria e no modo como a família Silva Ataíde foi compensada por essa perda de rendimento, através da mercê das barcas da Chamusca e Escaroupim.

No capítulo 3 deste volume, aborda-se a família Silva Ataíde da Costa na viragem do século XVIII para o século XIX, assim como as suas alianças por casamento.

No primeiro subcapítulo do capítulo 3 são sumariamente biografados os filhos de Luís da Silva de Ataíde e de sua mulher Isabel Gutiérrez de Tordoya Maraver y Silva, recebidos em 1760.

No segundo subcapítulo do capítulo 3, tratamos das partilhas

por morte de Luís da Silva de Ataíde e, no subcapítulo seguinte, analisamos o testamento de Isabel Gutiérrez de Tordoya Maraver y Silva. A biografia do filho herdeiro destes, Miguel Luís da Silva Ataíde (1762-1833), é traçada no terceiro subcapítulo do capítulo 3.

No quarto subcapítulo do capítulo 3, voltamos a abordar o rendimento das barcas da Chamusca e Escaroupim, até este deixar de reverter para os senhores da Casa do Terreiro de Leiria, e ainda nos debruçamos sobre o papel de Miguel Luís da Silva Ataíde no período das Invasões Francesas.

No quinto subcapítulo do capítulo 3, traçamos a biografia possível dos irmãos e cunhados de Miguel Luís da Silva Ataíde (1762-1833), abordando também os seus sobrinhos e sobrinhos-netos, com maior incidência naqueles que residiram em Leiria ou, não residindo aqui, mantiveram ligações à Casa do Terreiro de Leiria. Assim, em primeiro lugar, biografamos o Balio de Acre e Fregim, José da Silva de Ataíde (1772-1860). Seguidamente, ocupamo-nos de Maria Luísa da Silva Gutiérrez de Ataíde e do seu marido José Diogo de Mascarenhas Neto. Passamos depois a abordar os filhos deste casal. Finalmente, abordamos Luísa Rosa Gutiérrez de Ataíde, o seu marido, Dr. João Pedro Mouzinho de Albuquerque, e respectiva descendência. Este subcapítulo baseia-se em várias fontes já compulsadas para a elaboração de obras que abordam a família Mouzinho de Albuquerque. Porém, o facto de as termos confrontado com documentação da Casa do Terreiro de Leiria permitiu-nos corrigir e ampliar o conhecimento existente, pelo que este volume acaba por ser bibliografia fundamental para a história desta família Mouzinho de Albuquerque que, não sendo de Leiria, deixou fortes marcas na região.

No sexto subcapítulo do capítulo 3, abordamos sucintamente as últimas gerações em Leiria da família Sousa Castelo-Branco e, concretamente, a disputa que Heitor José de Sousa Castelo-Branco teve com o seu primo Miguel Luís da Silva Ataíde (1762-1833) sobre a sucessão no Morgado do Moinho Novo, nas Cortes.

Se a primeira metade deste volume incide em Leiria, a segunda metade foca essencialmente o concelho de Ourém. De facto, os capítulos 4, 5, 6 e 7 dizem respeito a Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero, mulher de Miguel Luís da Silva Ataíde (1762-1833), e à sua ascendência, assim como às propriedades que esta senhora deteve na região de Ourém e que, em grande parte, passaram a pertencer à Casa do Terreiro de Leiria.

No capítulo 4, tratamos da ascendência paterna de Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero, começando com a ascendência paterna do seu avô paterno, Luís Carneiro de Faria, da Quinta da Sorieira, em Seiça, falecido em 1733, filho de Manuel Pereira de Barros e de Joana Machado de Faria.

O primeiro subcapítulo do capítulo 4 inicia-se com a história da capela da Ponte de Urqueira, instituída em 1645 por Domingos

Fernandes, de Rio de Couros, e o modo como passou à posse de Manuel Pereira de Barros, filho de Baltazar Pereira de Barros e de sua mulher Margarida de Frias, da Quinta da Sorieira. Neste primeiro subcapítulo do capítulo 4, muito baseado em documentação da Casa do Terreiro de Leiria, também biografamos sucintamente o segundo marido da viúva do dito Domingos Fernandes: o Capitão Manuel de Faria Pereira, que residiu na Quinta da Ponte de Urqueira e fez testamento em 1681. Analisamos ainda a questão dos sucessores no vínculo da Ponte de Urqueira e os bens nele incluídos.

O primeiro subcapítulo do capítulo 4 prossegue com a análise à ascendência de Baltazar Pereira de Barros e uma tentativa de determinar a origem da Quinta da Sorieira. O Arquivo da Casa do Terreiro de Leiria contém bastante informação interessante e inédita, mas simultaneamente é lacunar em certos aspectos, pelo que não pudemos aprofundar a questão da origem da dita quinta. Para épocas mais recuadas, a bibliografia sobre as quintas da região quase se resume às várias monografias que o Padre David Simões Rodrigues escreveu sobre freguesias de Ourém. Porém, nestas monografias deparamo-nos com uma forte componente de especulação, acentuada pelo facto de nelas haver numerosas datas contraditórias e até confusão entre homónimos. Por conseguinte, e porque não tivemos tempo para confrontar os documentos originais citados, admitimos que vários dados recolhidos dessas monografias estejam incorrectos ou tenham sido por nós mal interpretados. No primeiro subcapítulo do capítulo 4, também abordamos a ascendência e os irmãos de Margarida de Frias, mulher de Baltazar Pereira de Barros, da Quinta da Sorieira. Damos especial atenção ao Pe. André de Frias, residente no Pombalinho de Seiça, que foi cura desta freguesia e herdou vários bens imóveis, aos quais juntou outros, vinculando-os em capela. Estes bens, elencados no final do primeiro subcapítulo do capítulo 4, passariam às mãos do seu sobrinho, o Pe. José Pereira de Frias, irmão de Manuel Pereira de Barros da Quinta da Sorieira, tendo depois beneficiado um dos filhos de Manuel Pereira de Barros: o Reverendo Dr. António Machado de Faria. Este outro sacerdote, que também viveu na Quinta da Sorieira, instituiu vínculo, sendo diversas vezes abordado no segundo, no décimo terceiro e no décimo quarto subcapítulos do capítulo 4, e ainda no capítulo 7.

No final do primeiro subcapítulo do capítulo 4, analisamos o testamento e o codicilo do Cónego André de Faria, de 1600-1602, procurando perceber em que medida este cónego se liga à história da Quinta da Sorieira, cujas características arquitectónicas são também por nós descritas e analisadas.

O segundo subcapítulo do capítulo 4 trata da ascendência materna de Luís Carneiro de Faria, da Quinta da Sorieira, avô paterno de Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero. A mãe deste, Joana Machado de Faria, era irmã do Capitão-mor

António Carneiro de Faria. Uma vez que ela, por casamento, viveu na Quinta da Sorieira (em Seiça), e ele na Quinta da Parreira (junto à vila de Ourém), estes irmãos são figuras fundamentais da história da família Silva Ataíde da Costa. Estas quintas vieram ampliar consideravelmente a fazenda da Casa do Terreiro de Leiria, graças ao casamento da posterior proprietária de ambas - Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero - com Miguel Luís da Silva Ataíde (1762-1833). Assim, primeiro tentamos traçar a ascendência de Luís Carneiro de Faria, cujo testamento data de 1649 e que era pai daqueles dois irmãos: Joana Machado de Faria e o Capitão-mor António Carneiro de Faria.

Em seguida, e ainda no segundo subcapítulo do capítulo 4, abordamos os irmãos e a ascendência de Catarina Machado Borges, mãe dos mencionados Joana Machado de Faria e António Carneiro de Faria, Capitão-mor de Ourém. Catarina Machado Borges era filha do Licenciado António Ferreira e da sua mulher Joana Machado Borges, os quais estiveram na origem do vínculo do Carregal, que chegou a ser o mais valioso dos vários posteriormente administrados pelo Sargento-mor de Ourém, Luís Leite Pereira, da Quinta de S. Gens. Este era ainda parente de Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero, tendo sido até seu tutor, na sequência da morte do pai, Filipe Carneiro de Faria Pereira Manso, que também foi Capitão-mor e que, nos últimos anos de vida, residiu na Quinta da Parreira. O terceiro subcapítulo do capítulo 4 trata de Francisco de Faria Leitão, cuja ligação à trama familiar não pudemos estabelecer com precisão, mas que nos parece ser personagem importante para a compreensão da origem de alguns bens que viriam a pertencer à Casa do Terreiro de Leiria. De outro modo, não teria subsistido no arquivo familiar o seu testamento, feito em 1680 na Quinta do Socorro, em Ourém.

O quarto subcapítulo do capítulo 4 centra-se na tentativa de destrinça de várias quintas situadas junto à Quinta do Socorro e à Quinta da Parreira, algumas das quais já não existentes como tal. É um subcapítulo que cruza dados do Arquivo da Casa do Terreiro com várias fontes, embora por vezes não vá além das suposições, até porque se trata de um tema lateral, que não pudemos aprofundar em tempo útil.

O quinto subcapítulo do capítulo 4 é sobretudo sobre a ligação entre os Faria Leitão e os Henriques, da Charneca (lugar situado também nos arredores de Ourém). Neste subcapítulo, apesar de algumas das dúvidas iniciais terem ficado sem resolução, ampliámos bastante o conhecimento sobre os Henriques - uma das mais influentes famílias da Vila de Ourém no século XVII, visto ter estado muito ligada à Colegiada de Ourém.

Os vínculos dos Henriques são tratados especificamente no sexto subcapítulo do capítulo 4, com menção a vários testamentos de membros desta família, fundamental para se perceber a origem da fazenda da Malavada (junto à Quinta da

Parreira) e da Capela da Santíssima Trindade, ainda existente (embora com outra denominação) junto a uma das portas da cerca da Vila de Ourém. No sexto subcapítulo do capítulo 4, também abordamos uma das duas grandes querelas sobre a sucessão nos bens vinculados dos Henriques da Charneca. A outra, por ser de cronologia posterior, é abordada no décimo quinto subcapítulo do capítulo 4.

No sétimo subcapítulo do capítulo 4, traçamos a biografia de Luís Carneiro de Faria, da Quinta da Sorieira, falecido em 1733. O oitavo subcapítulo do capítulo 4 é dedicado à biografia do seu tio materno, o Capitão-mor António Carneiro de Faria, da Quinta da Parreira, nele se descrevendo também a mencionada quinta, com a competente análise arquitectónica.

O nono subcapítulo do capítulo 4 é sobre a ascendência paterna de Sebastiana da Mota Manso, mulher de Luís Carneiro de Faria, da Quinta da Sorieira. Este nono subcapítulo divide-se em várias partes. Primeiramente, abordamos a ascendência de Sebastiana da Mota Manso nos Serrões do Nesperal. Continuando na região da Sertã, seguimos com a apresentação da ascendência de Brás Nunes Caldeira e, logo depois, com um pequeno esboço biográfico do Licenciado Brás Luís Serrão, pai do Licenciado Cristóvão Luís Serrão e avô paterno de Sebastiana da Mota Manso.

O décimo subcapítulo do capítulo 4 é sobre a ascendência materna de Sebastiana da Mota Manso. Este décimo subcapítulo também se divide em várias partes. Ao início, abordamos Maria da Mota Manso, mãe de Sebastiana da Mota Manso. Em seguida, dirigimos a atenção para a ascendência de Manuel Godinho Pinto, pai de Maria da Mota Manso. Em sequência, a ascendência materna de Maria da Mota Manso também é tratada, até porque vêm daqui os apelidos que Sebastiana da Mota Manso usou, embora a sua ascendência materna tivesse afinidades, por casamento, com a sua ascendência paterna.

Uma vez que os antepassados de Sebastiana da Mota Manso, quer os paternos, quer os maternos, não eram da região de Ourém, mas sim da Sertã e concelhos próximos (Pedrógão Grande e Proença-a-Nova, sobretudo), não aprofundámos, nem o nono nem o décimo subcapítulo do capítulo 4. Supomos que muito pouco trazemos de novo quanto à ascendência de Sebastiana da Mota Manso, apesar de a sistematizarmos neste volume.

Bastantes dados genealógicos sobre a ascendência de Luís Carneiro de Faria, e, sobretudo, sobre a ascendência da sua mulher, Sebastiana da Mota Manso, foram extraídos da fundamental obra de Cândido Teixeira, publicada em 1925: "*Antiguidades, famílias e varões ilustres de Sernache do Bom Jardim e seus contornos*". Esta obra foi baseada nos escritos do Padre Jacinto Leitão Manso de Lima, beneficiado da Igreja Matriz da Sertã, que viveu na primeira metade do século XVIII. Note-se, porém, que o confronto com documentos do Arquivo da Casa

do Terreiro permitiu acrescentar amplamente, e até corrigir, a referida obra genealógica.

O décimo primeiro subcapítulo do capítulo 4 é referente à biografia de Sebastiana da Mota Manso, falecida em 1733, sendo mencionados também os seus irmãos, especialmente a sua irmã Joana Maria Josefa da Mota Manso, cujo testamento é analisado.

No décimo segundo subcapítulo do capítulo 4, biografamos os filhos de Luís Carneiro de Faria e de sua mulher Sebastiana da Mota Manso, sendo dado particular realce ao filho Filipe Carneiro de Faria Pereira Manso, o qual residiu primeiramente na Quinta da Sorieira (que era dos pais) e depois na Quinta da Parreira, sensivelmente quando passou a ser Capitão-mor de Ourém. Quer este subcapítulo, quer o seguinte, foram sobretudo baseados na documentação familiar, trazendo à luz do dia muito conhecimento histórico inédito sobre a família e sobre a região de Ourém.

O décimo terceiro subcapítulo do capítulo 4 é dedicado às querelas familiares de 1764-1765, na sequência da morte do Capitão-mor Filipe Carneiro de Faria Pereira Manso, as quais foram sobretudo protagonizadas pela sua viúva, Ana Luísa da Cunha Coutinho Osório e Alarcão de Portocarrero (já casada com o segundo dos seus três maridos) e pelos únicos cunhados desta que ainda eram vivos: Florência Maria Carneiro da Mota Manso e Frei Manuel Carneiro de Faria Pereira. Abordamos ainda a questão do codicilo do Reverendo Dr. António Machado de Faria, tio paterno de Filipe Carneiro de Faria Pereira Manso, assim como a tutoria dos órfãos deste último e a doação por ele recebida da sua irmã Joana Francisca, quando esta ingressou na vida religiosa.

Ainda no décimo terceiro subcapítulo do capítulo 4, abordamos detalhadamente o inventário dos bens de Luís Carneiro de Faria, da Quinta da Sorieira, e a partilha dos que ficaram da sua viúva, Sebastiana da Mota Manso.

O décimo quarto subcapítulo do capítulo 4 centra-se nos vínculos que o Capitão-mor Filipe Carneiro de Faria Pereira Manso terá administrado, ou dos quais terá usufruído: o de Sebastiana da Mota Manso; o de João Gomes e o do Dr. Sebastião Luís Serrão (ambos na Sertã); o do Reverendo Dr. António Machado de Faria; e outros vínculos situados no termo de Ourém. Abordamos também as obrigações destes vínculos e, em certos casos, o modo como foram sendo, ou não, cumpridas, ainda que a abordagem ao cumprimento das obrigações se distribua por outras partes do volume. Trata-se de um subcapítulo com muitos dados inéditos, baseado sobretudo no arquivo familiar. O mesmo se pode dizer do décimo quinto e décimo sexto subcapítulos do capítulo 4, os quais giram em torno de duas importantes fazendas junto à Quinta da Parreira e que a ela estiveram associadas no século XIX: a Malavada e Martim Vilão. Sobre a primeira destas duas fazendas, no subcapítulo décimo

quinto abordamos os anteriores proprietários e a querela sobre a sua posse que, entre 1754 e 1762, opôs vários descendentes dos Henriques da Charneca, assim como a composição amigável de 1773 que levaria à alienação de um terço de metade da mesma. Porque alguns destes descendentes usaram os apelidos Mota Ferraz, apresentamos alguns dados inéditos, ainda que avulsos, sobre esta família. Abordamos também a venda das restantes terças partes de metade da Malavada, feita por novo conjunto de descendentes dos Henriques da Charneca. Relativamente à outra metade da antiga Quinta da Malavada, e porque a mesma pertencia ao Capitão José Carneiro de Faria Pereira, da Quinta do Socorro, procurámos traçar a sua biografia, apresentando diversos dados curiosos sobre os desentendimentos que este tinha com a mulher e os filhos, em finais do século XVIII. Incluímos algumas notas sobre a descendência do Capitão José Carneiro de Faria Pereira, não só para se perceber melhor as ligações familiares em Ourém, mas também porque alguns dos nomes serão mencionados no terceiro volume desta obra. Por fim, procuramos explicar as circunstâncias que levaram o Capitão José Carneiro de Faria Pereira a alienar a metade que tinha da Malavada.

Sobre a supramencionada fazenda de Martim Vilão, que é descrita em detalhe, também abordamos os seus anteriores proprietários, explicando como passou a estar nas mãos dos senhores da Quinta da Parreira.

O décimo sexto e último subcapítulo do capítulo 4 é um conjunto de notas sobre a administração da Quinta da Parreira no último terço do século XVIII, com base em documentação familiar, sendo abundantemente referido o seu capelão, Pe. Manuel João.

Passando ao capítulo 5, este é sobre a ascendência materna de Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero. Antes, porém, no primeiro subcapítulo do capítulo 5, é feita a biografia dos seus dois padrastrós: o Dr. Francisco Luís de Brito Araújo e Castro e o Dr. José Cândido da Silva de Pina e Melo, respectivamente o segundo e o terceiro marido de Ana Luísa da Cunha Osório de Alarcão Portocarrero, viúva do Capitão-mor Filipe Carneiro de Faria Pereira Manso.

No segundo subcapítulo do capítulo 5, é tratada a ascendência paterna de Ana Luísa da Cunha Osório de Alarcão Portocarrero, ao passo que, no terceiro subcapítulo, é tratada a ascendência materna, sendo também biografados sucintamente os irmãos de Ana Luísa da Cunha Osório de Alarcão Portocarrero.

Em geral, no capítulo 5 deste volume apresentamos alguns dados inéditos provenientes de fontes primárias, embora nos tenhamos socorrido sobretudo de bibliografia. Nas partes em que nos baseámos em obras já publicadas, não procurámos aprofundar, por se tratar de ascendentes familiares sem ligação à região de Leiria / Ourém.

Quanto ao capítulo 6, trata-se de um esboço sobre Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero e sobre os seus bens.

Em concreto, nos primeiros subcapítulos do capítulo 6, analisamos as partilhas de 1785 e o casamento de Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero com Miguel Luís da Silva Ataíde, assim como os vínculos dos quais Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero foi administradora.

No terceiro subcapítulo do capítulo 6, explicamos como foi feita a troca dos bens vinculados na Sertã pelas já referidas fazendas de Martim Vilão e da Malavada. No quarto subcapítulo, abordamos a abolição da Capela de Catarina Henriques e de um dos vínculos de Joana Maria Josefa da Mota Manso, em 1797-1798.

No quinto subcapítulo do capítulo 6, pode ler-se um esboço biográfico sobre o tutor de Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero - o Dr. Simão José de Faria Pereira, da Quinta do Caneiro, situada nos arredores de Ourém.

Quase todos os dados vertidos no capítulo 6 tiveram como origem o arquivo familiar, ainda que este não seja abundante de informação relativamente ao tema em causa.

Este volume encerra com o capítulo 7, no qual apresentamos todas as fazendas que andaram associadas à Quinta da Sorieira, com base num documento do segundo quartel do século XIX intitulado "*Relação das fazendas pertencentes à Quinta da Sorieira*". Trata-se de um capítulo sobretudo descritivo, quase em jeito de apêndice ao volume, embora incluamos nele alguns detalhes sobre certos bens imóveis mais importantes e sobre quem da família os adquiriu e quando.

Começamos com os bens imóveis na Vintena da Barreira, dando particular atenção aos moinhos. Nesta vintena, descrevemos os bens imóveis na Faletia, no Balancho, no próprio Lugar da Barreira, na Solheira e na Sandoeira, no Vale da Cordela e na Sorieira, no Cogominho, em Caxarias, nos Andrés e em Rio de Couros. Prosseguimos com os bens imóveis nas vintenas da Freixianda, de Seiça, de Vale Travesso, do Olival e da Sabacheira. Nas confrontações, nem sempre fomos exaustivos, para não tornar o capítulo demasiado maçador. No caso de alguns bens imóveis mais valiosos, sobretudo na Vintena de Seiça, procurámos completar com outros dados. Procurámos ainda complementar esta lista com umas casas na Aldeia da Cruz (actual Vila Nova de Ourém) que sabemos terem pertencido a Vitória Manuel Carneiro da Cunha Portocarrero, apesar de não constarem na "*Relação das fazendas pertencentes à Quinta da Sorieira*". Aliás, nem tinham de constar: fazemos notar que o capítulo 7 não abrange todos os bens imóveis que a família possuiu em Ourém em certo momento, pois a documentação do Arquivo da Casa do Terreiro não permite uma efectiva sistematização daqueles que estavam associados à Quinta da Parreira, por exemplo.

Algumas notas finais sobre a metodologia de apresentação

Remetemos para a introdução ao primeiro volume desta obra, no que diz respeito à questão da fiabilidade das fontes e o modo como são apresentadas ao longo dos volumes. Na introdução ao volume anterior, explicámos também qual o critério adoptado para a grafia dos apelidos. Contudo, admitimos que nem sempre este é perfeitamente límpido e inatacável. No caso do apelido "Currutelo", por exemplo, pode ser também "Curutelo". Esclarecemos que a nossa opção por "Currutelo" não significa que defendamos uma grafia em detrimento da outra. Tomemos também como exemplo o apelido "Portocarrero", muitas vezes mencionado neste volume. Encontrámos sobretudo duas versões em documentos originais: "Portocarrero" e "Portocarreiro". cremos que a versão "Portocarreiro" entrou em desuso no século XIX (pelo menos no ramo que estudámos), mantendo-se o "Portocarrero" e somente em algumas assinaturas, visto que quase sempre se negligenciava este apelido na família da Casa do Terreiro e poucos o tiveram no nome. Em suma, tendo sido "Portocarrero" a última versão usada, e sendo esta conforme à língua portuguesa actual, adoptamo-la como norma para esta edição¹.

Por solicitação da família, o fundo documental depositado no Arquivo Distrital de Leiria, foi designado como "da Família Silva Atayde da Costa", ao invés de "da Casa do Terreiro". Apesar disso, por uma questão de coerência com o critério inicialmente seguido, mantemos a designação "Arquivo da Casa do Terreiro", neste e no volume seguinte.

Na introdução ao primeiro volume desta obra, referimos que a historiadora de arte Ana Margarida Portela Domingues seria co-autora dos volumes 2 e 3, o que não veio a suceder, por ter deixado de colaborar connosco em 2010, o que também esteve na origem do grande atraso com que o presente volume é publicado.

Tal como sucedeu no primeiro volume da obra, todas as fotografias actuais deste volume são do autor, salvo se mencionada outra origem. O mesmo sucederá no terceiro (e último) volume desta obra, no qual faremos ainda uma adenda, mencionando algumas correções ao primeiro volume e, eventualmente, também a este segundo volume, caso as possamos detectar

ou nos sejam apontadas pelos leitores em tempo útil, o que desde já agradecemos.

Por último, pedimos desculpa ao Dr. Paulo Brehm, pela confusão com o título académico, nos agradecimentos do volume anterior, assim como ao Prof. Doutor Saul António Gomes, pelo inoportuno acento em "Saul", que surge no mencionado volume. Em certos aspectos, a questão dos acentos não foi de opção fácil, nomeadamente no caso de apelidos espanhóis que passaram a Portugal, como o apelido Gutiérrez, que, neste volume, e ao contrário das escassas menções feitas no primeiro, surge com acentuação. De qualquer modo, e até para não retirar uniformidade à obra, continuamos a seguir o mesmo critério de ortografia do primeiro volume, não adoptando o acordo ortográfico agora em vigor.

Agradecimentos

Porque escrevemos a introdução ao volume anterior antes de se saber quem iria paginar e imprimir os vários volumes da obra, devemos um agradecimento inicial à Jorlis, na pessoa do Dr. Rui Pereira, pela paciência e cuidado demonstrados em todo o processo.

Além da gratidão que já expressámos, no primeiro volume desta obra, a muitas pessoas e entidades, gratidão essa que, em vários casos, aplica-se também aos conteúdos deste volume e aos do volume que se lhe segue, importa registar aqui o nosso agradecimento por contributos especificamente dados após Setembro de 2009, que muito enriqueceram, quer o presente volume, quer o volume final desta extensa obra.

Assim, lembramos o heraldista e genealogista Arq. José Bénard Guedes, entretanto falecido, pelas achegas sobre a família Sousa Castelo-Branco. Foram também muito úteis os esclarecimentos da Doutora Selma Pousão-Smith, e da Prof. Doutora Paula Pinto Costa (neste caso, especificamente para o primeiro volume, mas quando este estava já em fase de revisão de provas), assim como os contributos de descendentes de figuras abordadas neste volume e no seguinte, e os contributos de outros investigadores e genealogistas, nomeadamente (e perdoar-nos-ão a omissão dos títulos académicos): António Alves-Caetano, António Francisco Fevereiro, Bruno d'Orey Slewinsky, Francisco Brito, Gilberto de Oliveira Jordão, Herlander

¹ Talvez "Portocarreiro" fosse uma opção mais rigorosa e menos "castelhana". Porém, a evolução da grafia do apelido parece ter ido precisamente nesse sentido, ao contrário de outros apelidos, que foram perdendo a sonoridade "castelhana" que detinham na época medieval. Segundo Manuel Abranches de Soveral, a linha chefe da linhagem portuguesa dos Portocarreiro foi para Castela nos finais do século XIII, onde, passadas poucas gerações, passou a usar a versão

espanhola "Portocarrero". Porém, em Portugal, o apelido continuou a ser grafado muitas vezes "Portocarreiro" e, aparentemente, só no século XIX passou a ser aqui mais usada a versão "Portocarrero", talvez por influência da então imperatriz consorte de França, Eugénia, que era espanhola e usava esse apelido paterno.

Francisco, Jaime Hasse de Oliveira Boavida, Jorge Santos, Lúcia Marinho, D. Maria Amélia (residente na Abrunheira), José Roberto Vasconcelos, Pedro Gaivão, Pedro O'Neill Teixeira, Nuno Barata-Figueira, Rita Van Zeller e Rosário Salema de Carvalho. Lembramos ainda os irmãos Hugo Fonseca e Dinis Fonseca, pela cedência de alguns postais antigos. Pelas facilidades concedidas, fica também expressa a gratidão: a título póstumo, ao Prof. Doutor José Mariano Gago (à época Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior); à Dra. Ilda Nunes (à época Directora do Palácio da Rua do Alecrim, da família Quintela do Farrobo); ao Padre José Eduardo Martins (em Alenquer); e ao Dr. João Paulo Pinto de Sá (do Estabelecimento Prisional Central e Especial de Leiria).

Um agradecimento especial ao André Varela Remígio (conservador/restaurador); ao Nuno Borges de Araújo (arquitecto e estudioso da História da Fotografia); ao Pedro Pascoal (investigador do Instituto Cultural de Ponta Delgada), e ao Rodrigo Wenceslau Castelo-Branco Sarmento (sócio gerente da Ourivesaria Sarmento e perito avaliador oficial), pela ajuda prestada quanto à descrição e datação de espólio da família Silva Ataíde, em especial de retratos em miniatura e alguns retratos fotográficos mais antigos, de mobiliário, e de outras peças decorativas.

Mais especial ainda é o agradecimento aqui deixado a vários colaboradores que contribuíram decisivamente para o segundo e terceiro volumes desta obra: à Cristina Moscatel (pela ajuda na finalização do texto e pelo trabalho de revisão); à Inês Versos (pelos contributos sobre os membros da família Silva Ataíde que pertenceram à Ordem de Malta, e pelo trabalho de revisão); à Beatriz Ancede Hierro Lopes e ao Manuel Couto (em ambos os casos, pela ajuda na transcrição de documentos); e ainda à Catarina Couto Soares (pela ajuda na elaboração do texto referente à descrição das casas nobres que pertenceram à família). Sem a disponibilidade e apoio deste conjunto de laboriosos investigadores com formação em História ou em História da Arte, a edição da obra atrasar-se-ia ainda mais. Nos casos em que a colaboração dada foi substancial, entendemos mencioná-la na própria ficha técnica do respectivo volume.

Embora já tenham sido mencionados nos agradecimentos contidos no primeiro volume, entendemos ser imperioso reiterar a nossa gratidão: ao Eng. Ricardo Charters d'Azevedo, pela ajuda e encorajamento; ao Eng. António de Oliveira Francisco, pela revisão de texto e pelas inúmeras achegas, que permitiram desatar tantos nós relativamente às ascendências de Ourém; e à Fundação Caixa Agrícola de Leiria, em especial ao seu Presidente, Mário Matias, pela enorme paciência e incedível compreensão, face ao atraso com que este volume saiu. Reiteramos ainda a gratidão aos actuais representantes da família cuja história é desfiada nesta obra, em especial ao Coronel Fernando Luís Franco da Silva Atayde e à sua esposa,

que foram incedíveis na disponibilidade, tendo inclusivamente cedido elementos recolhidos no Arquivo Histórico Militar, e até fotografias feitas em Espanha.

Existindo alguma omissão nesta lista de agradecimentos, complementar à que já foi publicada no primeiro volume, tal omissão foi certamente involuntária e, com um pedido de desculpas, entenda-se aqui compreendida num Muito Obrigado a todos, extensível também a quantos nos enviaram os seus comentários e apreciações ao primeiro volume.

Vila Nova de Gaia, Agosto de 2015

Francisco Queiroz



José Francisco Ferreira Queiroz

Nasceu a 29 de Janeiro de 1973, em Vila Nova de Gaia. Doutor em História da Arte pela Universidade do Porto, é coordenador adjunto do grupo de investigação "Património, Cultura e Turismo" do CEPESE - Centro de Estudos de População, Economia e Sociedade.

Publicou numerosos trabalhos científicos, sobretudo nas áreas da História da Arte, da História Local, da História da Família, da História da Arquitectura e Urbanismo, da Conservação Urbana e Territorial Integrada, e do Património em geral.



A família Silva Ataíde da Costa deixou-nos o principal solar setecentista de Leiria e ainda um terreiro, o qual viria a polarizar as casas de elite da cidade.

Neste segundo de três volumes sobre a Casa do Terreiro, percebe-se qual o papel social desta família, durante o século XVIII e os primeiros anos do século XIX. Através da análise às alianças por casamento e às relações de negócios ou amizade, acabam por ser abordadas, com maior ou menor detalhe, muitas das principais famílias de Leiria desse período, assim como as principais famílias de Ourém, nos séculos XVII e XVIII, visto a família Silva Ataíde da Costa ter tido ascendentes nesse concelho confinante com o de Leiria, onde ficou particularmente ligada à história das quintas da Parreira e da Sorieira.

Embora possuindo forte carácter genealógico, o conteúdo deste volume alarga-se a abordagens que se prendem com modos de vida, relações de parentesco, gestão de bens imóveis, questões judiciais, biografias e histórias curiosas; entre muitos outros aspectos que fazem dele um volume de consulta obrigatória sobre a História de Leiria e de Ourém, na época em causa.

